



SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E CRIMINALIDADE URBANA ENVOLVENDO JOVENS NA CIDADE DE UBERLÂNDIA/MG

Oracilda Aparecida de Freitas

oracilda@yahoo.com.br

Universidade Federal de Uberlândia

Julio Cesar de Lima Ramires

ramires_julio@yahoo.com.br

Prof. Dr. de Geografia – UFU

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo central caracterizar a criminalidade envolvendo jovens de 15 a 24 anos de idade na cidade de Uberlândia, priorizando a dimensão socioespacial. Os procedimentos metodológicos da pesquisa contemplaram: o levantamento bibliográfico e a elaboração de referencial teórico acerca de conceitos sobre exclusão social e violência urbana, com ênfase na criminalidade praticada por jovens; políticas públicas de prevenção da violência; levantamento de dados junto ao Centro de Operações Policiais Militares - COPOM sobre os índices de violência em Uberlândia no ano de 2006, destacando os homicídios envolvendo jovens; levantamento de dados no Núcleo de Informação à Saúde - NIS sobre os óbitos em 2006, por faixa etária; levantamento, espacialização e análise de alguns indicadores socioeconômicos de Uberlândia, a partir do Censo Demográfico de 2000, produzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE e coleta de reportagens sobre a violência urbana envolvendo jovens, publicadas no Jornal “O Correio” de Uberlândia entre os meses de janeiro e dezembro de 2006. Dessa forma, ressaltamos que o jovem é alvo da criminalidade urbana no contexto social e econômico no qual vive, e cabe ao Estado programar políticas públicas voltadas para a educação, estabelecendo medidas de prevenção e combate à violência urbana, para que o jovem não continue sendo autor e vítima dos homicídios, bem como de outros atos violentos noticiados pela mídia.

Palavras-chave: Violência Urbana, Segregação Socioespacial, Criminalidade e Jovens.

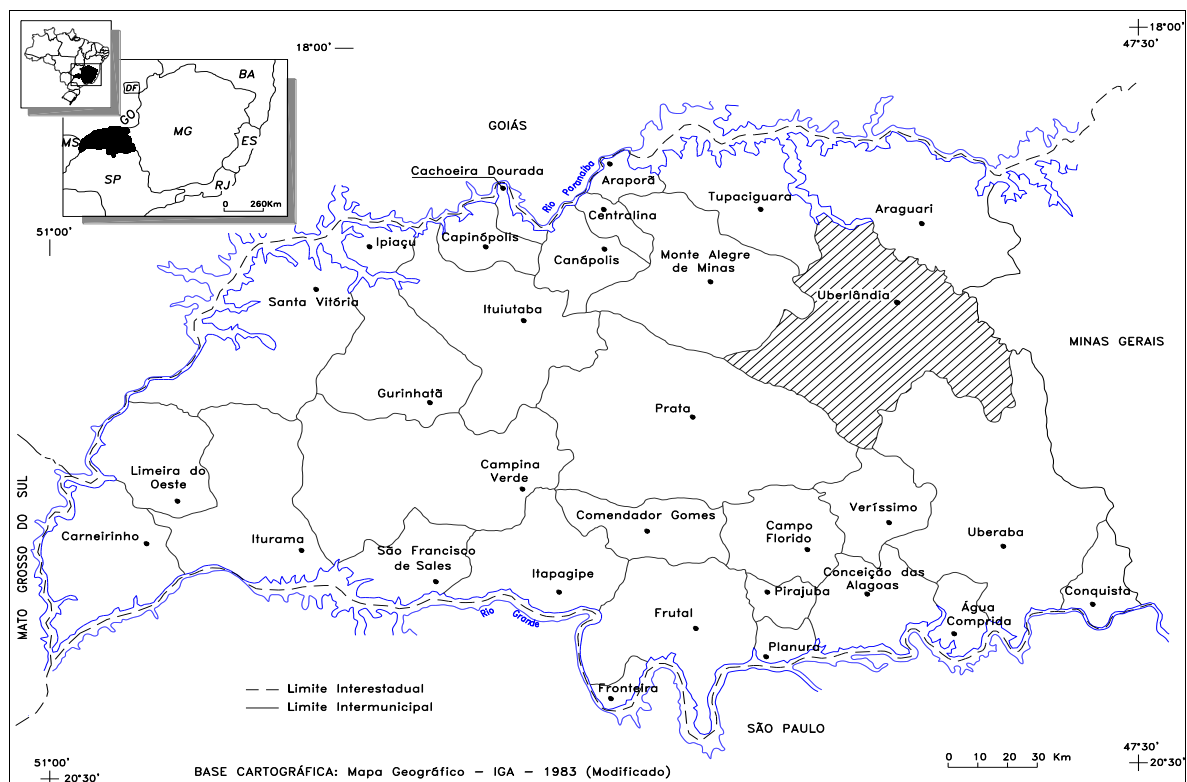
INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo central caracterizar a criminalidade violenta na cidade de Uberlândia entre os jovens de 15 a 24 anos de idade, priorizando a dimensão socioespacial. Como objetivos específicos, pretende-se: 1) Identificar o perfil do jovem infrator; 2) Caracterizar os crimes de homicídios envolvendo jovens nos bairros de Uberlândia; 3) Identificar possíveis interrelações entre condições socioeconômicas e incidência de criminalidade envolvendo os jovens; 4) Conhecer as políticas públicas implantadas em algumas cidades brasileiras, que foram bem sucedidas na prevenção e combate à violência envolvendo jovens; 5) Analisar as ações de prevenção e correção da criminalidade envolvendo jovens na cidade de Uberlândia.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa se basearam em levantamento e revisão bibliográficos; elaboração de referencial teórico acerca de conceitos sobre políticas públicas de prevenção à violência, exclusão social e violência urbana, com ênfase na criminalidade praticada por jovens; levantamento secundário de dados sobre a violência, sobretudo a juvenil, em diferentes instituições governamentais e não-governamentais; variáveis selecionadas no estudo (econômicas, sociais e criminais), relacionadas aos homicídios entre jovens; escolha das instituições para a coleta de informações; análise de reportagens do Jornal Correio sobre segurança e violência em Uberlândia, especificamente os homicídios entre jovens de 15 a 24 anos, no ano de 2006; entrevista com Maria Cristina - antiga coordenadora do – Centro Socieducativo de Uberlândia – CSEU e com a atual Diretora da instituição mencionada; sistematização dos dados.

No Centro de Operações da Polícia Militar - COPOM buscou-se dados sobre os índices de violência em Uberlândia, no ano de 2006, destacando os homicídios envolvendo jovens. No Núcleo de Informação à Saúde – NIS foram levantados dados, por faixa etária, sobre os óbitos em Uberlândia, referentes ao ano de 2006. Os dados referentes a alguns indicadores socioeconômicos de Uberlândia foram buscados no Censo Demográfico de 2000 do IBGE. No Jornal “O Correio” de Uberlândia foi realizada pesquisa e coleta de reportagens sobre a violência urbana envolvendo jovens na faixa etária de 15 a 24 anos, publicadas em 2006. Buscaram-se dados de violência juvenil em instituições de prevenção à criminalidade, tais como a Superintendência de Prevenção à Criminalidade e o CISAU. Realizou-se, também, levantamento e análise de algumas políticas públicas de prevenção à violência envolvendo jovens, formuladas e implantadas em outras cidades do país. Acrescenta-se que os dados analisados referem-se ao ano de 1999 a 2006, sendo específicos no período de 1999 a 2004, e em outros se referem ao ano de 2001 a 2003; e, por fim, os dados relacionados ao ano de 2006.

Uberlândia, objeto de estudo desta pesquisa, localiza-se a nordeste do Triângulo Mineiro, no Estado de Minas Gerais (Cf. Mapa 1). O município é constituído por cinco distritos: Uberlândia (Distrito Sede), Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia, Miraporanga e Tapuirama. Em 2008, Uberlândia possuía uma população estimada em 622. 441 habitantes, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.



Mapa 1 - Localização do município de Uberlândia no Triângulo Mineiro.

A VIOLÊNCIA URBANA E O JOVEM: ALGUMAS REFLEXÕES

Violência urbana e a lógica de produção da cidade

O quadro de violência que atinge as cidades brasileiras deixou de ser um fenômeno local e ganhou status de problema nacional. Isso tem levado a um sentimento de medo generalizado por parte da sociedade. Assim sendo, ocorrem mudanças significativas no cotidiano das cidades, pela redefinição de atividades, formas espaciais, fluxos e comportamentos. A violência gera, portanto, uma redefinição do modo de vida urbano. Devido a essas mudanças, a violência urbana tornou-se também uma preocupação para a

Geografia, tanto no sentido de sua localização no espaço, quanto de sua extensão, além dos seus reflexos nos modos de produzir e consumir a cidade.

Nesse quadro complexo da violência urbana, percebe-se o destaque de três tendências marcantes no processo de produção do espaço. O primeiro à segregação urbana, em parte motivada pelo agravamento das desigualdades sociais, fruto do modelo de desenvolvimento econômico do País; a segunda tendência é marcada pela autosegregação, principalmente nos condomínios fechados, pela população que possui um elevado poder aquisitivo e, juntamente a esse processo, o crescimento da demanda por equipamentos e serviços que garantam maior segurança. É o chamado “negócio do medo” ou, ainda, “indústria da segurança”; A terceira tendência refere-se à emergência de um novo urbanismo, denominado “arquitetura do medo”, no qual as cidades adquirem, cada vez mais, as feições do medo, tais como muros altos, cercas eletrificadas ao redor das casas, guaritas de vigilância etc. Acrescenta-se que os modelos de urbanização e urbanidade ainda não foram atingidos em todo o mundo, pois requerem o progresso dos bens materiais e, também, do denominado padrão de vida urbano, e não apenas da melhoria na qualidade de vida.

A violência é um fenômeno que afeta diretamente a qualidade de vida das pessoas. Dessa forma, percebe-se que nas cidades, a população vive insegura, e como consequência disso, criam mecanismos para amenizar ou solucionar, em parte, o problema. Sendo assim, os habitantes de cidades mais desenvolvidas tendem a morar em condomínios fechados, ou, quando moram em bairros residenciais comuns, elas constroem muros altos, colocam cerca elétrica, alarmes, fazem seguros de suas residências contra roubo e furto, dentre outras medidas adotadas. Assim, as desigualdades sociais, expressas na sociedade, produzem para os jovens a informalidade, excluindo-os da formalidade no mercado de trabalho.

É notável, ainda, que a violência se constitui de um sério problema social, econômico e cultural, e afeta diretamente a qualidade de vida da população. Nessa perspectiva, Córdia (2004) menciona que há um consenso de opiniões, sobre a temática em questão, entre as pessoas abordadas por meio de pesquisas de opinião, discursos políticos e a mídia. Se por um lado, esta interferência negativa, ocasionada pela violência, conduz o ser humano a se interessar pelo problema da violência urbana de maneira individual, por outro, a população não compreende que falta acesso a direitos sociais, econômicos, culturais e ambientais, tendo implicações significativas no processo de crescimento da violência.

Jovens que têm investido em qualificação e buscado a inserção no mercado de trabalho não têm tido êxito, o que acaba repercutindo no aumento da violência. O desemprego libera o tempo da juventude, inserindo-a em outras formas financeiramente recompensadoras. Ao se sentirem injustiçados efetivamente, eles encontram no mundo do delito o necessário para seu sustento no dia-a-dia e para o recebimento ilícito de recursos financeiros. Percebe-se, dessa forma, que as desigualdades sociais, expressas na sociedade, excluem os jovens da participação na construção do espaço urbano, em parte por não estarem inseridos no mercado de trabalho.

No discurso sobre a relação entre criminalidade urbana e desemprego é preciso compreender que existem vários fatores econômicos e sociais que interferem nos índices de incidência criminal no espaço urbano. E não basta afirmar que a falta de emprego gera a violência urbana. Por outro lado, é necessário enfatizar que o desemprego predispõe o jovem a um tempo livre, o que pode ocasionar práticas sociais ilícitas.

Córdia (2004, p. 336) enfatiza que a problemática do desemprego está se concentrando nas grandes metrópoles, e cita o exemplo da cidade de São Paulo, na qual o processo de industrialização reduziu os postos de trabalho de baixa qualificação:

O desemprego em São Paulo tem sido consistentemente um dos maiores dentre as capitais do país, girando em torno de 20%, se considera o desemprego aberto e oculto, nos últimos dois anos. Estima-se que, em média, o desemprego de jovens deve ser o dobro daqueles dos adultos. Os dados apresentados até agora descrevem um cenário em que a violência não deve surpreender: um mercado de

trabalho que passou por profundas mudanças, resultando em um desemprego prolongado e na eliminação de postos menos qualificados, frustração das expectativas em relação à melhoria na escolaridade média e forte concentração de adultos e jovens desempregados.

Em relação às diferenças intraurbanas, estudos sobre os mapas de risco da violência buscam relativizar o problema da violência nas grandes cidades do Brasil. Um exemplo disso se refere à posição de determinada cidade no contexto global ou local dos grupos políticos. Na cidade de São Paulo, a questão da segurança é um fator preocupante, mas a imprensa tem divulgado que a violência é um fenômeno geral, e que outras metrópoles apresentam índices criminais mais elevados.

Rodrigues (2004) ressalta que a complexidade da violência urbana deve ser entendida como uma tentativa de se compreender as diversas ligações que perpassam o tema, e cita vários aspectos e nuances que podem ser tratados, como: a) Apresentar dados sobre a violência, em geral, nas cidades. Esses dados aparecem, cotidianamente, em todos os meios de comunicação. Pensar em como agrupá-los e analisá-los pode ser a nossa contribuição; b) Mostrar a concentração da violência contra a pessoa em determinados segmentos sociais, em tipos característicos, revelando que esta é sempre noticiada nos diversos meios de comunicação; c) Apresentar as violências contra as propriedades pessoais. Lembrar-se de que o direito à propriedade pessoal ou aos meios de produção encontra-se na Constituição Federal do Brasil, no âmbito dos direitos e deveres.

A publicação recente de Cárdua, Adorno e Poletto (2003) mostra a relação entre taxas de homicídio por 100 mil habitantes e uma série de 12 variáveis como indicadores do grau de acesso a alguns direitos sociais, tais como: saúde, emprego, habitação decente, saneamento básico, escolaridade, renda, bem como o perfil demográfico da população nos 96 distritos censitários do município de São Paulo. A pesquisa verificou que as taxas de homicídio crescem à medida que: a) Agrava-se o acesso ao emprego; b) Aumenta o número de chefes de família com baixa escolaridade (menos de quatro anos de escolaridade); c) Concentra o número de moradias com condições precárias (congestionamento domiciliar e pouco acesso à rede de esgotos); d) Crescem as taxas de mortalidade infantil e diminuem o acesso a leitos hospitalares. Os autores constataram, ainda, que há uma relação direta entre altas taxas de homicídio e as altas taxas de crescimento de jovens e crianças, bem como pequena parcela de idosos e moradores com alta renda e alta escolaridade. Ou seja, verificou-se que as taxas de homicídio são mais elevadas nos distritos onde ocorre uma confluência de carências, tais como acesso à saúde, à educação, à moradia e ao emprego, em que as vítimas mais vulneráveis a diversas formas de violência são a população jovem.

Akerman (1999) comenta que o projeto desenvolvido em parceria com o Centro de Estudos de Cultura Contemporânea - CEDEC teve como objetivo identificar diferenciais intraurbanos em relação à violência, tendo como resultados a diferença entre os bairros, no que se refere à qualidade de vida e aos padrões de criminalidade. Os quatro mapas de risco demonstraram que é preciso unidade entre os espaços geográficos de intervenção, sistemas de informação e dados estatísticos das polícias civis e militares com o intuito de melhorar as ações de segurança pública.

O projeto consta de dados quantitativos relacionados à violência, como: homicídios, furtos (tentativas), roubos (tentativas), lesões corporais, acidentes de trânsito, entre diferentes bairros de uma mesma cidade em análise, estabelecendo associações entre os perfis de violência destes bairros e a "qualidade de vida", fundamentada pelos indicadores compostos, que medem a qualidade de vida. Além disso, pressupõe-se que para o enfrentamento da violência urbana é preciso ter tanto os dados de proteção social quanto informações da rede de segurança pública. Desta forma, os mapas analisaram a compatibilização geográfica destes dados, e demonstrou, também, a alocação dos policiais e viaturas no espaço urbano.

Minayo (1993) fala sobre o fenômeno de crescimento dos homicídios, apontando como meio de aprofundamento a violência estrutural no Brasil, acirrada pelo crescimento das desigualdades socioeconômicas, baixos salários e renda familiar insuficiente. Com isso, percebe-se uma descrença e um afastamento da população das instituições sociais que atendem às suas funções, e quando o fazem, atuam de modo violento e discriminatório, não atendendo às necessidades da população em relação à educação, saúde, moradia e segurança. De fato, sabemos que toda a sociedade está sujeita à violência, como menciona a referida autora, já que ela atinge todas as fases da vida, compondo as várias relações humanas. Dessa forma, é preciso lutar pela universalização do acesso aos direitos à saúde, educação, moradia, trabalho e lazer para a população, principalmente para o jovem de 15 a 24 anos, que ficam alheios a esses direitos humanos e se encontram vulneráveis diante das situações que oferecem risco à vida e de “oportunidade” de conseguir “dinheiro fácil” por meio de formas ilícitas como furtos, roubos e, conseqüentemente, homicídios.

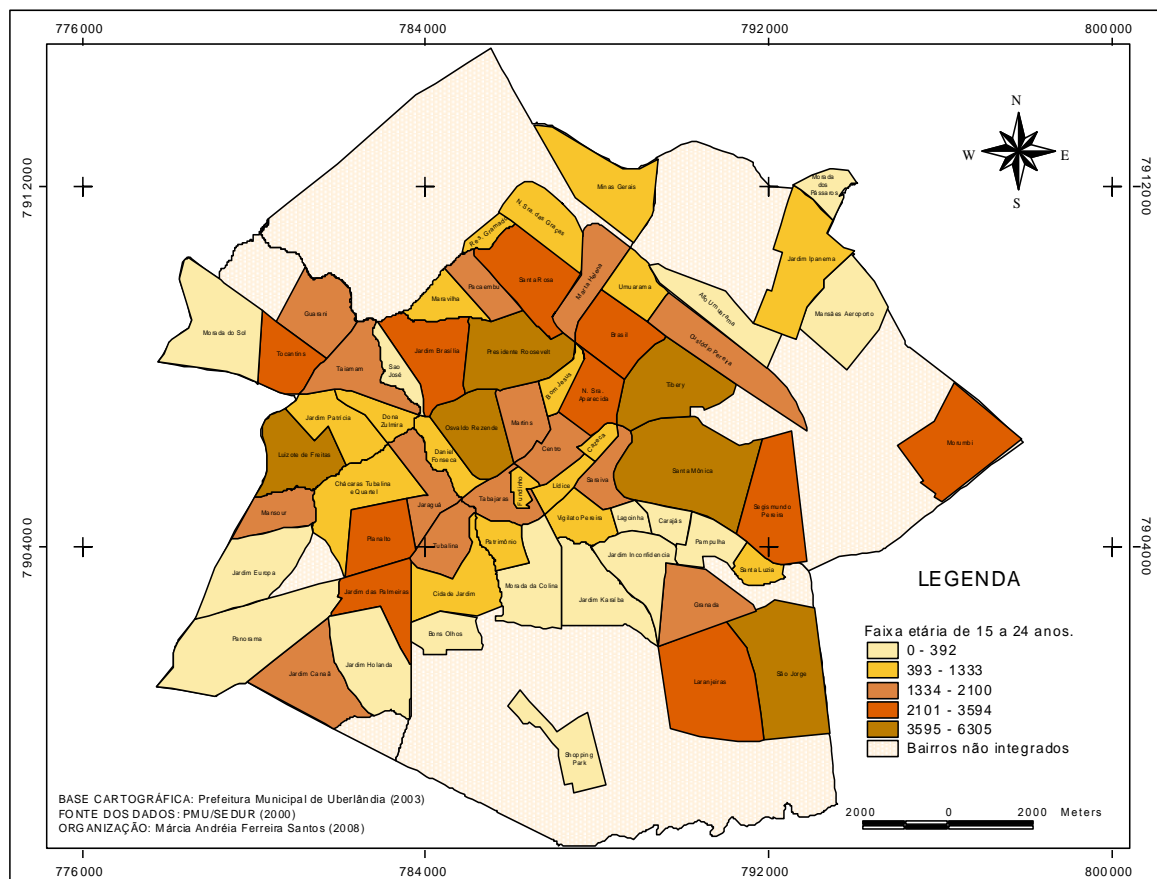
CRIMINALIDADE ENVOLVENDO JOVENS NA CIDADE DE UBERLÂNDIA

Indicadores socioeconômicos

Antes de apresentar os aspectos diretamente relacionados à criminalidade envolvendo os jovens na cidade, é importante apresentar a espacialização de alguns indicadores socioeconômicos, que podem nos ajudar a entender as suas possíveis vinculações com a violência, tais como, a distribuição dos jovens no espaço urbano, a localização de escolas e de espaços de lazer, os níveis de escolaridade da população e a renda das famílias.

Distribuição da população de 15 a 24 anos no espaço urbano de Uberlândia

Os bairros com menor população jovem são: Mansões Aeroporto, Morada do Sol, Chácara Panorama, Jardim Holanda e Jardim Karaíba. Tais bairros possuem uma população situada no intervalo de 0 a 392 jovens. Os bairros Minas Gerais, Jardim Ipanema, Nossa Senhora das Graças, Residencial Gramado, Maravilha, Umuarama, Jardim Patrícia, Dona Zulmira, Daniel Fonseca, Chácara Tubalina e Quartel, Cidade Jardim, Patrimônio, Lídice, Cazeca, Vigilato Pereira, Santa Luzia situam-se no intervalo de 393 a 1333 jovens. Esses bairros se localizam próximos à área central, a centros universitários e a grandes empresas, e são considerados de classe média. O intervalo de 1334 a 2100 jovens pode ser verificado nos bairros Guarani, Taiaman, Pacaembu, Mansour, Jardim Canaã, Jaraguá, Tubalina, Tabajaras, Martins, Marta Helena, Custódio Pereira, Saraiva e Granada. Alguns desses bairros se encontram distantes das áreas centrais, como o Taiaman, Mansour, Jardim Canaã, Jaraguá, Tubalina, Custódio Pereira e Granada. São bairros constituídos de conjuntos residenciais, financiados pela Caixa Econômica Federal. Os números absolutos de 2101 a 3594 jovens estão nos bairros Tocantins, Jardim Brasília, Santa Rosa, Brasil, Nossa Senhora Aparecida, Morumbi, Laranjeiras, Segismundo Pereira, Planalto e Jardim das Palmeiras. Os bairros que apresentam a maior concentração da população jovem, de 3595 a 6305 pessoas são o Luizote de Freitas, São Jorge, Roosevelt, Tibery, Santa Mônica e Osvaldo Rezende. Constata-se, portanto, que a concentração populacional de jovens se encontra distribuída em toda a cidade de Uberlândia, uma vez que o bairro Santa Mônica localiza-se no Setor Leste da cidade de Uberlândia; o Luizote de Freitas, no Setor Oeste, o São Jorge no Setor Sul e, por fim, o Roosevelt, no Setor Norte. (Cf. Mapa 2).



Mapa 2 - Cidade de Uberlândia. Número absoluto de pessoas na faixa etária de 15 a 24 anos: 2000.

Ressalta-se que os bairros Brasil e Aparecida têm considerável concentração de jovens, devido à proximidade dos Campus Santa Mônica e Umarama, bem como das empresas que se destacam no ramo atacadista e de serviços, dentre elas a ACS, do grupo ALGAR. Isso vem mostrar que o aumento da criminalidade nestas localidades não pode ser explicado somente por fatores socioeconômicos, pois a falta dos bens materiais não é o único fator justificável para o envolvimento do jovem em delitos como roubo.

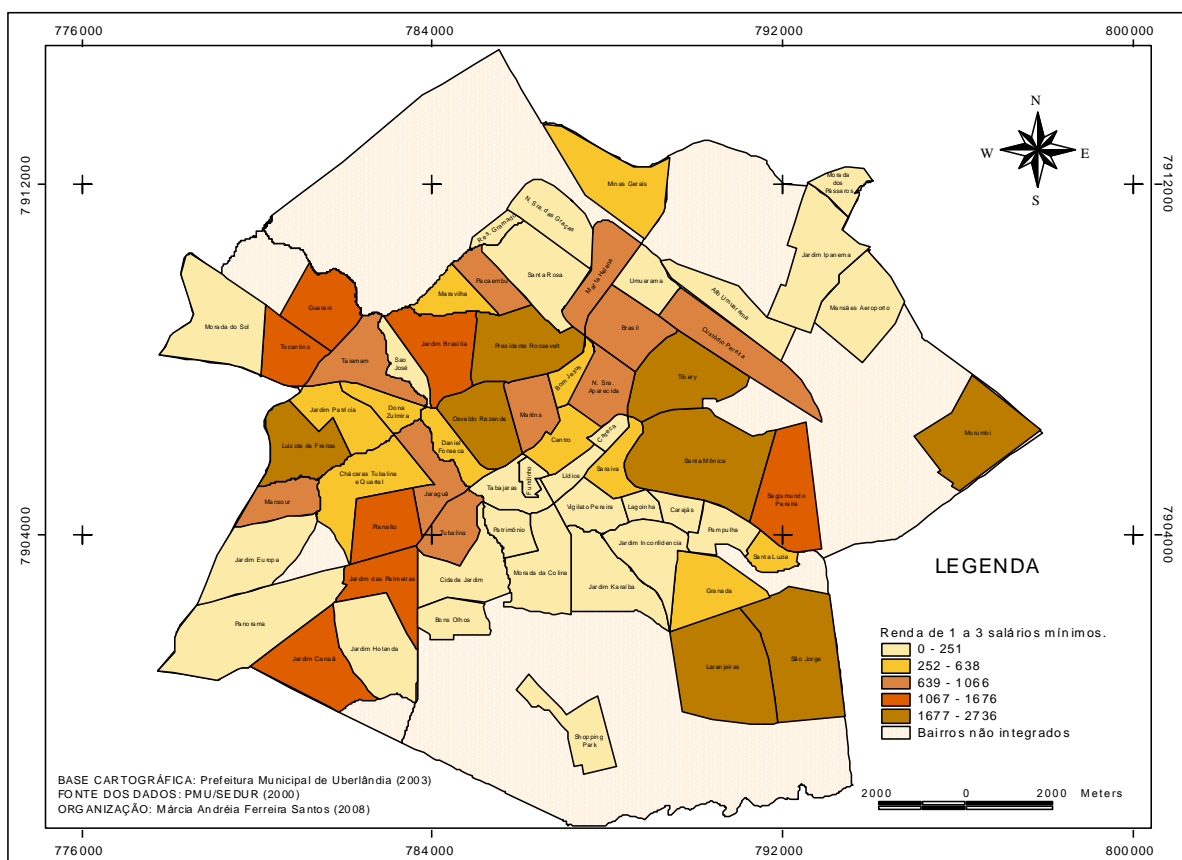
É notável que jovens que não possuem renda ou que têm um baixo retorno econômico de seu trabalho estão mais predispostos a se envolver em meios ilícitos, tais como roubos e furtos para conseguir dinheiro, mas não podemos enxergar a criminalidade apenas na ótica das desigualdades sociais, e sim rever práticas de políticas públicas e segurança pública para a sociedade, em especial, para o jovem.

Distribuição dos responsáveis pelo domicílio, com renda de 1 a 3 salários mínimos

Nos bairros Jardim Ipanema, Mansões Aeroporto, Nossa Senhora das Graças, Umarama, Santa Rosa, Residencial Gramado, Morada do Sol, Panorama, Jardim Holanda, Soa José, Tabajaras, Lídice, Cazeca, Fundinho, Cidade Jardim, Patrimônio, Morada da Colina e Jardim Karaíba concentram de 0 a 251 pessoas com renda de 1 a 3 salários mínimos. Por outro lado, nos bairros: Minas Gerais, Maravilha, Jardim Patrícia, Dona Zulmira, Daniel Fonseca, Chácara Tubalina e Quartel, Bom Jesus, Centro, Saraiva, Granada e Santa Luzia constataram-se o intervalo de 252 a 638 responsáveis com essa renda. O Taiaman, Mansour, Tubalina, Martins, Marta Helena, Brasil, Nossa Senhora Aparecida e Custódio Pereira registraram de 639 a 1066 responsáveis pelo domicílio com renda de 1 a 3 salários. Já o bairro Guarani, Tocantins, Jardim Brasília, Planalto, Jardim das Palmeiras, Jardim Canaã e Segismundo Pereira apresentaram um número absoluto de 1067 a 1676 que possuem a renda referida. Os bairros com maior concentração de responsáveis por domicílio com renda de 1 a 3 salários mínimos foram: Luizote de Freitas, Presidente

Roosevelt, Osvaldo Rezende, Tibery, Santa Mônica, Morumbi, Laranjeiras e São Jorge. Foi diagnosticado nestes bairros o intervalo de 3595-8305 pessoas.

Os bairros integrados sem dados disponíveis foram: Morada dos Pássaros, Alto Umarama, Jardim Europa, Bons Olhos, Lagoinha, Carajás, Pampulha, Jardim Inconfidência e Shopping Park. Assim, percebe-se que são bairros classificados como sendo de classe média baixa. Alguns distantes dos centros de referência na cidade. Cabe ressaltar que o bairro Luizote de Freitas, mesmo se localizando distante das áreas centrais, possui todos os serviços necessários: escola, UAI, bancos, correios, um número maior de ônibus, inclusive que vão direto para o Hospital de Clínicas da UFU. Outra questão refere-se segregação socioespacial de determinados bairros na cidade de Uberlândia. Alguns bairros são considerados de classe baixa por se localizarem na periferia da cidade, e também, pela ausência de infra-estrutura básica, como: escolas, UAIs, postos de segurança, áreas de lazer. (Cf. Mapa 3).



Mapa 3 - Cidade de Uberlândia. Número absoluto de responsáveis com renda de 1 a 3 salários mínimos: 2000.

Distribuição das pessoas alfabetizadas

O intervalo de 49 a 116 de pessoas alfabetizadas se localiza nas seguintes localidades: Morada do Sol, Jardim Europa, Panorama, 90% do bairro Jardim Holanda e uma média de 10% na Chácara Tubalina e Quartel.

Para o número absoluto de 117 a 156 pessoas destacaram-se os bairros Morada dos Pássaros, com uma média de 90% do bairro Jardim Ipanema, 90% do Daniel Fonseca, 90% do Osvaldo Rezende, 90% do Patrimônio, 80% do bairro Guarani, 80% Mansões Aeroporto, 70% do Bom Jesus, 70% do Centro, 60% do Martins, 50% do bairro Chácara Tubalina e Quartel, 50% Shopping Park, 45% do Fundinho, 45% do Cazeca, , 40% Morumbi, 40% do Tocantins, 40% do Tibery, 40% Brasil, 30% Marta Helena, 30% Nossa Senhora das Graças, 30% do Lídice, 30% do Santa Mônica, 15% Laranjeiras, 10% São Jorge, 15% do Jardim Brasília e 5% do Minas Gerais.

Os bairros que apresentaram os números absolutos de 157 a 188 de alfabetizados foram: 90% Jardim Canaã, 90% Cidade Jardim, 70% Alto Umuarama, 70% Pacaembu, 70% Laranjeiras, 60% Granada, 55% Mansour, 50% Maravilha, 50% Segismundo Pereira, 50% Santa Mônica, 50% Custódio Pereira, 50% Shopping Park, 45% Tubalina, 40% Vigilato Pereira, 40% Marta Helena, 40% Saraiva, 40% Taiaman, 40% Tibery, 30% Jardim Brasília, 30% Umuarama, 30% Presidente Roosevelt, 30% São Jorge, 20% Jardim Karaíba, 20% Mansões Aeroporto, 20% Guarani e 10% Tocantins.

O intervalo de 189 a 223 alfabetizados foram registrados nos seguintes bairros: 70% do bairro Lagoinha, 70% do Santa Rosa, 60% do bairro Planalto, 50% do bairro Dona Zulmira, 50% do bairro Jorge, 50% do bairro Vigilato Pereira, 50% do bairro São Jorge, 40% do bairro Minas Gerais, 40% do bairro Mansour, 40% do Segismundo Pereira, 40% do bairro Jardim Patrícia, 30% do bairro Jardim Ipanema, 20% do bairro Morumbi, 20% do bairro Santa Mônica, 15% do bairro Tibery e 10% do bairro Canaã.

E, por fim, os números absolutos de 224 a 302 foram os bairros: 70% do bairro Luizote de Freitas, 60 % do bairro Jardim das Palmeiras, 50% do bairro Minas Gerais, 40% do bairro Taiaman, 40% do bairro Dona Zulmira, 30% do bairro Planalto, 30% do bairro Presidente Roosevelt, 30% do bairro Umuarama, 30% do bairro Santa Rosa, Residencial Gramado, 20% do bairro Nossa Senhora das Graças, 10% Segismundo Pereira, 10% Pampulha, 10% Santa Luzia, 5% São Jorge, 5% Laranjeiras e 5% do bairro Santa Mônica.

Dessa forma, em relação à alfabetização dos jovens na cidade de Uberlândia, percebe-se que os bairros Jardim das Palmeiras, Luizote de Freitas, Taiaman, Dona Zulmira e Minas Gerais apresentaram de 40 a 60% dos números absolutos de população jovem entre 15 e 24 anos. Ou seja, aí estão localizados os melhores índices de jovens alfabetizados no espaço urbano de Uberlândia.

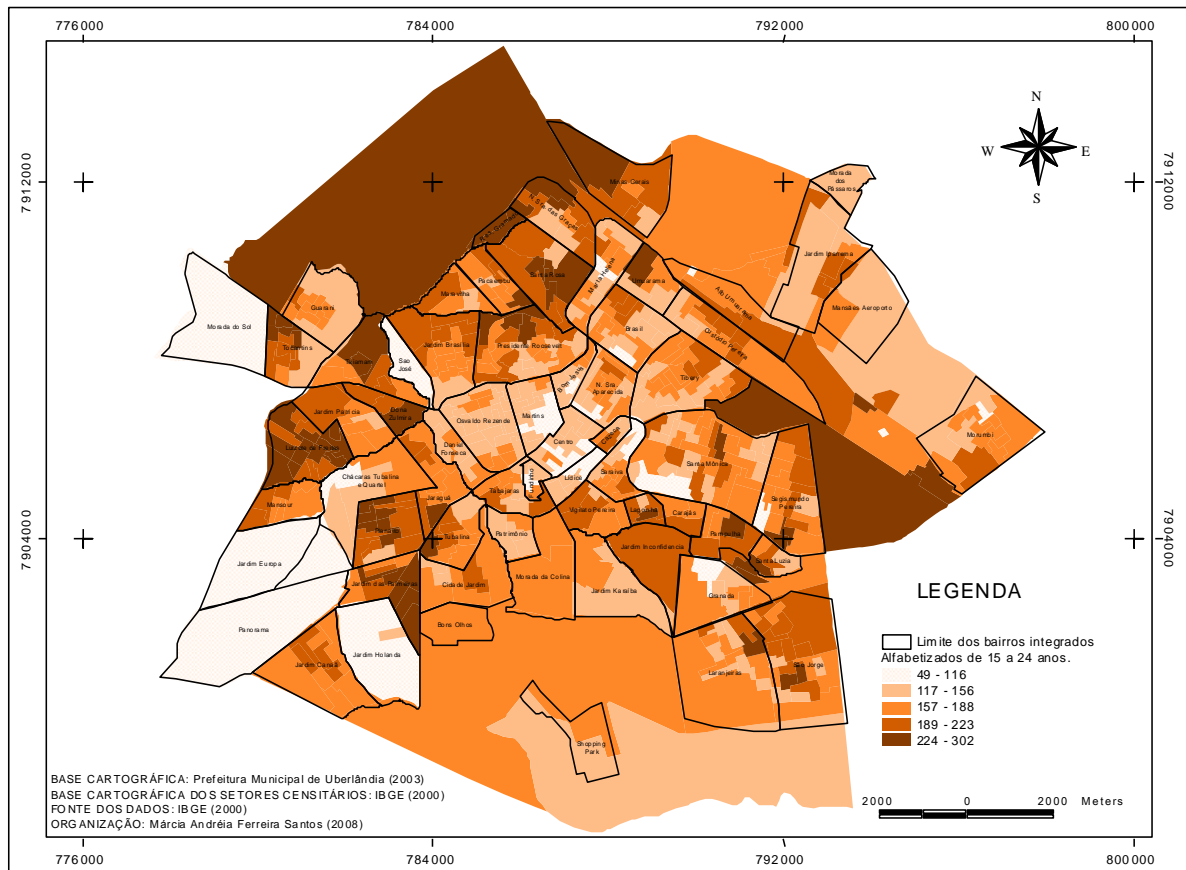
O percentual de bairros que apresentam mais jovens alfabetizados por Setor Censitário na faixa etária de 15 a 24 anos concentra-se nos bairros Jardim das Palmeiras, Luizote de Freitas, Dona Zulmira e Minas Gerais.

A educação é um meio importante para a formação do jovem, local de descoberta dos sonhos para a concretização de uma profissão, mas, infelizmente, o ensino público não tem sido oferecido com qualidade para as crianças e jovens. Isso ocorre devido à má remuneração dos professores e, conseqüentemente, à falta de estímulos para se dar uma aula que realmente leve o aluno a adquirir conhecimentos científicos.

Atualmente, diversas formas de ensino que permitem aos jovens sem qualificação concluírem o Ensino Médio. Como exemplo, tem-se o Tele-Curso 2000, no qual o aluno conclui o ensino médio em apenas um ano. Mas muitos jovens não vão à escola. Alguns são vítimas da marginalidade que assola seu ambiente de convívio. Passam o tempo no ócio, usam drogas, e alguns menores roubam ônibus, fator que tem sido presenciado por várias pessoas, em diversos bairros de Uberlândia.

Ressalta-se que os bairros Shopping Park, Jardim Europa, Bons Olhos, Lagoinha, Jardim Inconfidência, Carajás, Pampulha e Morada dos Pássaros são bairros integrados sem dados disponíveis.

O Mapa 4 mostra a quantidade de alfabetizados, por Setor Censitário, na faixa etária de 15 a 24 anos. Estes dados serão mostrados por média em cada bairro, devido à dificuldade de explicar os dados por setor censitário.



Mapa 4 - Cidade de Uberlândia. Número absoluto de alfabetizados, por setor censitário, na faixa etária de 15 a 24 anos: 2000.

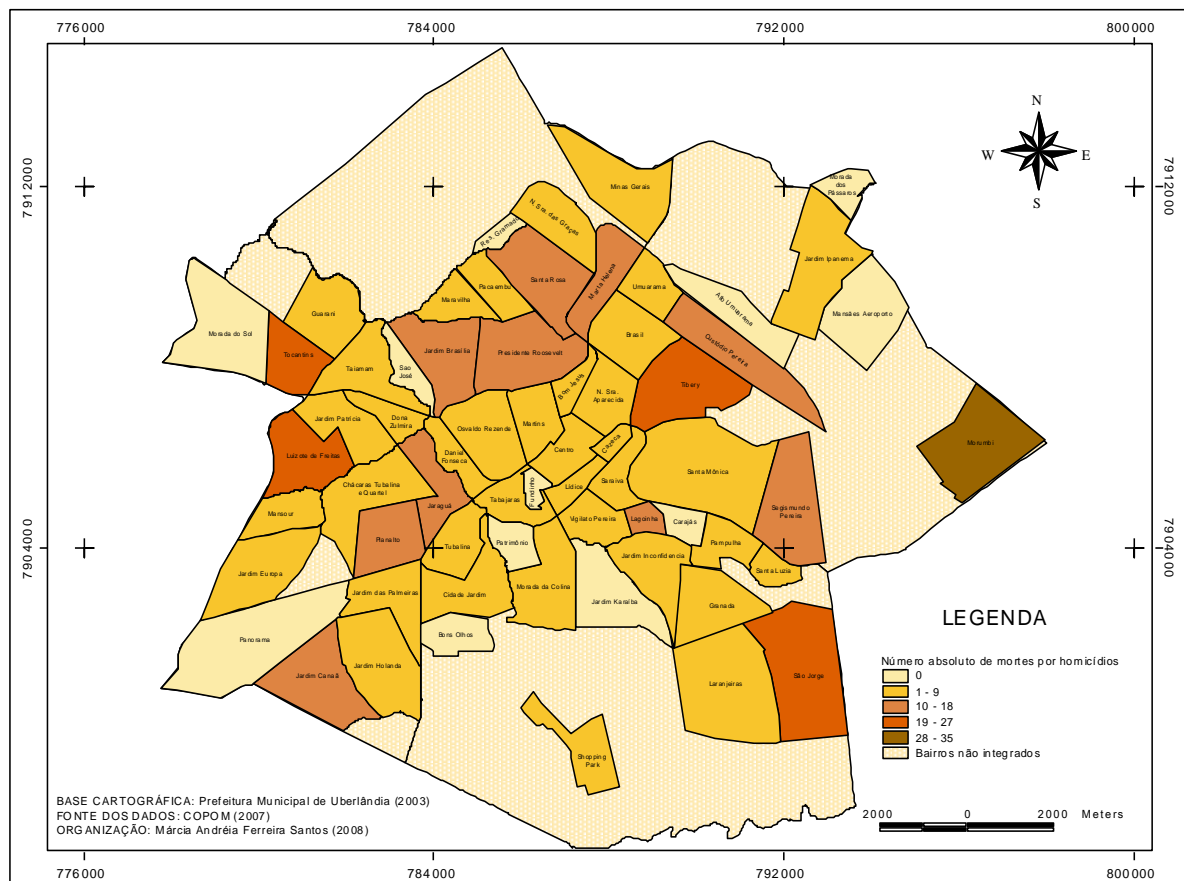
Mortalidade por homicídios

Ao se observar a distribuição dos homicídios no espaço urbano de Uberlândia, constatou-se que o bairro Morumbi foi o que apresentou o maior número de ocorrências no período compreendido entre 2000 e 2006, ou seja, entre 28 e 35 mortes. Na sequência aparecem os bairros Tocantins, Luizote de Freitas, São Jorge e Tibery, compreendendo o intervalo de 19 a 27 ocorrências. Dessa forma, percebe que as áreas com o maior índice de mortes por homicídios concentram-se nos bairros mais distantes, regiões que possuem uma forte presença de drogas, como é o caso do bairro Morumbi e do Tocantins. (Cf. Mapa 5).

Análise de reportagens do Jornal Correio de Uberlândia

Os homicídios em Uberlândia, nas páginas do Jornal Correio

As reportagens analisadas compreendem os homicídios ocorridos nos finais de semana (sexta-feira, sábado e domingo), do período de janeiro a dezembro de 2006. As ocorrências predominaram sobre o sexo masculino, sobretudo nos bairros periféricos da cidade. Na análise, não constam reportagens sobre outros tipos de crimes, como roubos, latrocínios e furtos, pois o objetivo centra-se era observar apenas dos homicídios envolvendo jovens de 15 a 24 anos, vítimas e autores do crime. (Cf. Quadro 1).



Mapa 5 - Cidade de Uberlândia. Número absoluto de mortes por homicídio: 2000 a 2006.

Idade da Vítima	Local de Ocorrência do Crime	Sexo	Idade do Criminoso
21 anos	Ibery	Masculino	...
15 anos	Acirmação	Masculino	18 anos
24 anos	Morumbi	Masculino	...
36 anos	Iubalina	Masculino	Casal - não tem
23 anos	Sao Jorge	Masculino	22 anos
...	...	Masculino	Casal - 26 e 22 anos
2 vítimas	Dom Almir	Masculino	...
19 anos	Sao Jorge	Masculino	38 anos
...	Esperança	Masculino	22 anos
22 anos	Roosevelt	Feminino	...
26 anos	Seringueiras	Masculino	16 anos
35 anos	Fazenda Angra dos Reis	Masculino	...
21 anos	Lagoíña	Masculino	...
37 anos	Lagoíña	Feminino	...
51 anos	Canaa	Masculino	28 anos
36 anos	Martins	Masculino	...
...	Iocantins	Masculino	...
32 anos	Patrimônio	Masculino	...
24 anos	Ipanema	Masculino	...
28 anos	Planaltó	Masculino	...
33 anos	Esperança	Masculino	...
18 anos	Osvaldo	Masculino	...
31 anos	Santa Rosa	Masculino	...
26 anos	...	Masculino	19 e 20 anos

Quadro : Perfil dos jovens vítimas e autores de homicídios em Uberlândia em 2006.

Nota: (...) Dado não disponível.

Org.: Freitas (2008).

De acordo com as reportagens analisadas, onze vítimas de homicídio tinham idade situada entre 15 e 24 anos, sendo atingidas, sobretudo por meio de arma de fogo. Os principais locais atingidos foram o abdômen, cabeça e pescoço. A maioria era do sexo masculino, e se encontravam envolvidas com o tráfico de drogas. Vale ressaltar que foram registrados apenas dois casos de mulheres mortas.

O motivo dos homicídios referem-se a vingança, casos de alcaguete (pensar que é informante da polícia), cobrança de dívidas e discussão familiar. Foram registrados dois casos específicos: um no qual o irmão matou o outro por causa do pai. E outro caso em que o menor de 16 anos matou o padrasto porque este discutia com sua mãe. Houve, também, situações de tentativas de roubo, em que a vítima matou o assaltante.

Os corpos das vítimas de homicídios geralmente foram encontrados em terrenos baldios. Em alguns casos, os corpos foram encontrados queimados. Em 2006 havia uma rivalidade entre gangues no bairro Lagoinha, e os crimes foram todos parecidos, pois todas as vítimas receberam tiros na cabeça e no abdômen e, em seguida, tiveram seus corpos carbonizados.

A maioria das vítimas e autores dos homicídios possuía baixa escolaridade, e muitos estavam desempregados. Em alguns casos, contudo, trabalhavam como auxiliares gerais, pintores ou serventes de pedreiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou a criminalidade urbana em Uberlândia, caracterizado como um problema social e de saúde pública. Percebeu-se, a partir das análises realizadas, que a insegurança sentida pela população é manifestada por ela ao falar do medo de ser assaltada ou de ter suas residências ou comércios roubados.

O mapa da cidade de Uberlândia, referente ao número absoluto de pessoas na faixa etária de 15 a 24 anos, mostrou que os bairros com o maior número de jovens são os que se localizam nas áreas periféricas da cidade, como é o caso do Luizote de Freitas e do São Jorge. Mas, além desses, tem, ainda, o Presidente Roosevelt, o Osvaldo Rezende, o Tibery e o Santa Mônica. Por outro lado, os bairros que registraram mais residentes com renda entre 1 e 3 salários mínimos foram: Luizote de Freitas, Presidente Roosevelt, Osvaldo Rezende, Tibery, Santa Mônica, Morumbi, Laranjeiras e São Jorge. Cabe ressaltar que o bairro Luizote de Freitas, mesmo sendo mais distante das áreas centrais, possui todos os serviços necessários, como escola, UAI, bancos, correios, e mais ônibus que, inclusive, vai direto para o Hospital de Clínicas da UFU.

Com relação aos alfabetizados por Setor Censitário, na faixa etária de 15 a 24 anos, percebeu-se que foram nas áreas periféricas que concentraram o maior número de analfabetos. Os registros foram os seguintes: 70% do bairro Luizote de Freitas, 60% do bairro Jardim das Palmeiras, 50% do bairro Minas Gerais, 40% do bairro Taiaman e 40% do bairro Dona Zulmira. Dessa forma, os bairros Jardim das Palmeiras, Luizote de Freitas, Taiaman, Dona Zulmira e Minas Gerais apresentaram de 40 a 60% dos números absolutos de população jovem entre 15 e 24 anos alfabetizada, sendo este o maior número de jovens alfabetizados no espaço urbano de Uberlândia. Outro dado importante é que a ocorrência de homicídios foi mais acentuada entre jovens do sexo masculino, com idade entre 20 e 29 anos, pois de um total de 152 casos de homicídios, 142 atingiram jovens do sexo masculino.

De acordo com os dados da Polícia Militar de Uberlândia, houve um crescimento considerável de prisões de jovens envolvidos com o tráfico de drogas no período de 1999 a 2004. Em 1999, foram registrados oito casos, já em 2002, subiu para 66, tendo, em 2004, uma pequena redução, para 53 casos.

A mídia local veicula, diariamente, nos jornais, matérias sobre a Segurança Pública de Uberlândia, e a maioria das reportagens relatam que os homicídios são crimes executados por jovens com idade entre 15 e 29 anos, sendo estes, também, as vítimas. Ressalta-se

que, após a análise das reportagens do Jornal Correio, verificou-se a predominância do sexo masculino nos casos de homicídio, e os bairros periféricos como os principais locais das ocorrências.

REFERÊNCIAS

AKERMAN, M. BOUSQUAT. Mapas de risco de violência. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 13, n. 4, p. 112-120, 1999.

CARDIA, N. Violação de direitos e violência: relações entre qualidade de vida urbana, exposição à violência e capital social. In: RIBEIRO, L. C. Q. **Metrópoles: Entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito**. Rio de Janeiro: Fundação. 2004. p. 325-356.

DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE. DATASUS. Disponível em: <<http://www.datasus.gov.br.html>>. Acesso em: 10 jan. 2006.

MINAYO, C. S. M. Violência contra idosos: relevância para um velho problema. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 783-791, Maio/Jun. 2003.

RODRIGUES, A. M. Geografia e violência urbana. In: OLIVEIRA, A. V de; PONTUSCHKA, N. N. (Org). **Geografia em Perspectiva**. São Paulo: Contexto. 2004. p. 77-86.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censos demográficos**. [S.l.], (2004).